

PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO NO BRASIL IMPÉRIO: TURISMO NA MONARQUIA

João dos Santos Filho¹

Resumo:

O presente trabalho é resultado da linha de pesquisa “Hospitalidade na história: um passeio pela cultura do Novo Mundo”, desenvolvido junto à Universidade Estadual de Maringá, a investigação histórica fundamenta-se em obras escritas sobre o Brasil e o povo Maya no século XVI, XVII, XVIII e XIX, compreendendo aproximadamente os anos de 1524 até 1890. As obras que constituem o objeto de nossa investigação foram escritas e publicadas ao período do Brasil-Império, essa literatura foi produzida por visitantes estrangeiros, que de forma diversa, souberam registrar e tratar o cotidiano da vida nacional. Esses autores vieram para o Brasil; morar, trabalhar, pesquisar ou passear, e resolveram documentar sua estada entre nós, com descrições muitas vezes específicas, mas que na verdade, tornaram-se verdadeiros compêndios historiográficos e alguns com farto material iconográfico sobre a história nacional.

Palavras-chaves: Turismo no Império, guia turístico imperial, historiografia do turismo nacional, eurocentrismo, etnocentrismo.

Esclarecimentos iniciais

O presente trabalho é resultado de estudos desenvolvidos junto à Biblioteca de Obras Raras da Escola de Minas de Ouro Preto², da Universidade Federal de Ouro Preto. O material selecionado para a pesquisa consiste no *Guide International D'Europe au Brésil & a La Plata contenant les Renseignements les plus utiles pour les voyageurs orne de vues, cartes et plans. Publié par A. Loiseau-Bourcier – Paris, rue de Lancry, 47 - Janvier 1889*, obra trilingue, escrita em português, espanhol e francês, publicada em janeiro de 1889, que trata da divulgação e promoção do Brasil no exterior.

Por pressuposto balizador para este estudo, temos o resgate de parte da historiografia brasileira referente ao turismo, em oposição à hegemonia de uma leitura

¹ Bacharel em Turismo, pelo Centro Universitário Ibero-Americano de São Paulo (Unibero) e Bacharel em Ciências Sociais, pela PUC/SP. Mestre em Educação: História e Filosofia da Educação, pela PUC/SP. Professor convidado na Facultad de Filosofia e Letras da Universidad Nacional de Heredia (UNA), em San José da Costa Rica. **Professor concursado pela Universidade Estadual de Maringá.** Autor do livro “Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras,” EDUSC, Universidade de Caxias do Sul. E-mail joaofilho@onda.com.br

² Gostaríamos de registrar o apoio logístico e a valorosa contribuição funcional prestada pelo conservador da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Minas UFOP, Júlio César Neves, o qual, por sua experiência e memória sempre em prontidão sinalizou-nos encaminhamentos que levaram nossa pesquisa ao sucesso no que se refere à coleta de dados.

historiográfica eurocentrista, que oculta e nega a história nacional, impondo a construção de uma falsa identidade.

O resgate de nossa história torna-se possível, quando tomamos consciência de que há necessidade de nos desvencilharmos das influências das correntes científicas e filosóficas européias e norte-americanas. Nesse caso, podemos recorrer ao cientista social Octávio Ianni que, ao se referir à dependência acadêmica existente nos países da América Latina para com os grandes centros econômicos, político e culturais, afirma:

Da mesma maneira que no passado, na atualidade também a produção científica e filosófica dos países da América Latina continua a revelar influências acentuadas da produção intelectual norte-americana, francesa, alemã, inglesa [...]. A produção sociológica latino-americana revela flutuações teóricas, metodológicas e temáticas semelhantes àquelas que ocorrem nos centros científicos de “maior prestígio acadêmico” (IANNI, 1976, p. 41).

Esse processo ocorre de forma mais acentuada no estudo do fenômeno turístico em que a historiografia inglesa impõe ao mundo o personagem de Thomas Cook* como responsável pelo primeiro turismo organizado, ou seja, o início do nascimento de um *trade*, voltado especificamente para o turismo. Ou ainda, o período da rainha Vitória que criou o *Grand Tour* no auge do imperialismo moderno, desenvolvendo uma política que favorecia e bancava as viagens da elite inglesa para ocupar os quadros administrativos do Estado inglês.

A história ganha contornos de verdades únicas nos centros acadêmicos e parte dos pesquisadores do fenômeno turístico adotam essa historiografia como explicativa, o que distorce e oculta parte da história nacional.

Metodologia utilizada

Em virtude de o material histórico utilizado para a elaboração deste estudo ser referente ao período do final do século XIX, precisamente de Janeiro de 1889, onze meses antes da proclamação da República, consideramos que o mesmo possui valor

* Sugerimos que o leitor consulte o livro de João dos Santos Filho, *Ontologia do Turismo: estudo de suas causas primeira Caxias do Sul*. Editora UCS, 2005.

fundamental para o estudo do turismo nacional, pois, além de inédito e raro, permite sinalizar diversos caminhos para reescrever a verdadeira historiografia do turismo.

Na qualidade de documento escrito no Brasil Império, por algum funcionário régio, constitui-o material de inestimável valor histórico para pesquisadores e estudiosos do turismo brasileiro. Por esse motivo, optamos em transcrevê-lo em quase sua totalidade, para que a academia providencie contato com a fonte original e coloque-o à disposição dos centros de pesquisa.

O leitor pode perceber que, em alguns itens, buscamos contextualizá-lo, segundo às normas e costumes da época, num esforço de explicitar a riqueza daquele período histórico, por isso também se constitui em um estudo exaustivo e peculiar para o conjunto da historiografia do turismo no Brasil.

A estrutura original do texto também foi levada em consideração, uma vez que a mesma, como foi montada teve a intenção de destacar o Brasil Império, especificando três Estados: Pernambuco, Bahia e por final de forma exultante o Rio de Janeiro.

Império e seus costumes: consequências e impactos

Com a vinda da Família Real e da máquina burocrática e administrativa do Estado Português ao território brasileiro em 1808, o rei de Portugal, funcionários régios, assessores, parentes, fidalgos, padres, médicos, advogados, professores, artistas, pintores, cientistas, militares e escravos, todos, chegam ao Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte.

A crise provocada pela “fuga” leva Lisboa ao verdadeiro caos. Todos se dirigem ao cais em desespero para garantir local nos navios, levar seus bens e fugir do general Junot que se encontrava próximo à fronteira com Portugal. O governo português antecipa a partida para o Brasil, disposto a enfrentar o mal tempo e a chuva torrencial que tornava o mar agitado:

Chovia muito quando, a 26 de novembro, transferem-se os arquivos reais, a biblioteca de Lisboa e toneladas de bens móveis da família real e dez mil nobres portugueses para oito naus, quatro fragatas, três brigues e trinta navios mercantes. É o caos, com famílias tentando a todo custo um lugar nas embarcações. O povo assiste temeroso ao embarque de D. Maria, D. João e o príncipe Pedro no *Príncipe Real*. A

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

mulher de D. João. D. Carlota Joaquina, segue com D. Miguel e as filhas no *Afonso D'Albuquerque*. Por quarenta horas, todos embarcados, a frota aguarda bons ventos na barra do Tejo, diante de notícias de que Junot estaria entrando em Lisboa, o que fará a 30 de novembro, com 26 mil homens (CHAGAS, 2001, p. 21; 22).

A mudança da Corte para o Brasil provoca no Rio de Janeiro um imenso impacto cultural, social e econômico, entretanto, de imediato, a preocupação era como e onde hospedar os recém-chegados de Portugal? O caos foi instalado, os despejos dentro da “legalidade” autoritária do Decreto da Corte PR (Príncipe Regente, ou popularmente conhecido como “ponha-se na rua,”) davam o direito de desapropriar as pessoas de suas casas para acomodar elementos da Corte.

O Rei e seu *staff* foram instalados no Palácio São Cristóvão, propriedade doada a D. João VI pelo próspero comerciante português Elias Antônio Lopes que trabalhava com o comércio de carne humana, traficando africanos para serem escravos no Brasil. E por esse interesse econômico, político e pela permanência do sistema escravocrata, cedeu ao rei de Portugal sua belíssima casa de campo, que havia acabado de construir com vista para as montanhas e para o mar.

A mão de obra escrava torna-se mais necessária, para atender à aristocracia que recém se instalara no Brasil, ao desenvolvimento econômico e ao próprio Estado. O Rio sofre um acréscimo elevado de mão-de-obra escrava, bem como a abertura dos portos brasileiros às nações amigas tornou o Brasil mais cosmopolita. Pires (2001, p. 32 e 33) registra que: “O Rio de Janeiro, mais do qualquer outra cidade portuária da época, beneficiado pelo novo *status* de sede onde se abriga a Família Real, passou por grandes transformações em relativamente curto espaço de tempo”.

A cidade cresceu, urbanizou-se e foi embelezada. Por meio de seu Intendente (prefeito), e a pedido da Inglaterra, D. João VI proíbe em 1º de julho de 1809, as rótulas* ou gelosias que deveriam ser substituídas por grades de ferro e vidro. Prédios foram demolidos para dar lugar a vias de acesso e à infraestrutura pública básica:

*Rótulas e gelosias são janelas de bancada ou não, feitas de treliças de madeira, para que as mulheres não fossem vistas e se mantivessem isoladas dos olhares curiosos, apesar de D. João VI proibir a existência dessas janelas, com a argumentação de que poderia parecer um monarca esclarecido, para que as mulheres comessem a ir para as ruas. A verdade é que havia o interesse da Inglaterra em vender ao promissor mercado brasileiro hastes e balaustres de ferro e madeira, como também vidros para janelas (vidraças).

Na verdade, a vida cultural do Rio foi transformada por essa grande influência de servidores civis bem pagos e com os gostos refinados de um grande centro europeu. Por importante que tenha sido o aumento das exigências de consumo, os efeitos de mudança foram do ponto de vista econômico, muito mais amplos (HALLEWELL, 2005, p. 107).

Com a chegada da Família Real, o Rio assume a feição da aristocracia portuguesa, adquirindo hábitos novos. Cria o Jardim Botânico em 1808, com o objetivo de aclimatar as espécies vindas da Ásia e cria um herbário à disposição das necessidades medicinais da nobreza, que só foi aberto ao público em 1822.

Revoga a proibição da produção de manufaturas no Brasil, bem como a Inglaterra passou a gozar de exclusividade sobre o comércio brasileiro, já que era a maior nação industrial e naval em condições de competir com a França na disputa pela supremacia do comércio brasileiro.

Cria o Desembargo do Paço e a Mesa da Consciência e Ordens que deram origem ao Supremo Tribunal de Justiça, à Casa da Suplicação do Brasil e à Intendência Geral da Polícia, com o início do aparato burocrático de repressão, bem como a Imprensa Régia como forma de controle ideológico do que pode ser publicado. O Estado mostra seus “aparelhos” repressivos para tentar manter o controle ideológico de autoridade do império sobre a colônia.

Cria a Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, com o objetivo de que as forças produtivas desenvolvessem bases nacionais próprias. Para isso, estrutura as relações econômicas e comerciais com a instalação do Banco do Brasil, como forma de estimular o crédito para que fosse garantido um suporte de capital para a economia.

Realiza a assinatura dos tratados comerciais com a Grã-Bretanha e demais países colocando o Brasil como Reino Unido a Portugal e a Algarve. Usa a prerrogativa de sempre favorecer o comércio com a Inglaterra, seja pela compra de produtos ou pelo benefício de taxas preferenciais. Na verdade, D. João VI dá ao Brasil condições objetivas para um desenvolvimento econômico com exclusividade para a Inglaterra. Segundo o historiador inglês Laurence Hallewell, em sua tese de doutorado:

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Na verdade, a vida cultural do Rio foi transformada por essa grande afluência de servidores civis bem pagos e com os gostos refinados de um grande centro europeu. Por importante que tenha sido o aumento das exigências de consumo, os efeitos de mudança foram, do ponto de vista econômico, muito mais amplos. Doravante, todos os impostos e outras riquezas destinadas ao governo, que, antes, eram enviados a Lisboa, permaneceriam no Rio de Janeiro e iriam beneficiar a cidade (HALLEWELL, 2005, p. 107).

Nesse ambiente de autoridade monárquica única existente no Novo Mundo, o Brasil revela-se ao mundo como nação administrada diretamente pelo Rei de Portugal, que transferiu todos os interesses lusitanos para o Brasil e que responde ao mundo como uma nação rica e próspera. Sua “nova” identidade no cenário internacional atrai um fluxo de refugiados aristocratas provenientes da monarquia espanhola dos países sul-americanos que fervilhavam com as revoluções republicanas.

O Brasil torna-se uma nação cosmopolita, em que mercadores e grandes comerciantes vêm instalar negócios no setor de serviços, pequena manufatura e agricultura. Como também viajantes, negociantes, cientistas e turistas aventureiros visitam o país que já é mencionado por escritores, botânicos e pelas academias de ciências inglesa e francesa.

O Brasil torna-se polo de atração para aventureiros, visitantes e para a pequena elite de turistas capazes de empreitar grandes recursos financeiros para os deslocamentos de lazer, estudos ou de simples aventura. Os primeiros estabelecimentos hoteleiros nasceram como hospedarias, “casas de pasto” e, em seguida, hotéis administrados por franceses e italianos que foram destaque a partir de 1816. No século XIX começa a aparecer, em livros e jornais, referências ao Brasil, produzidos no país e no exterior, que têm por objetivo divulgar e promover a primeira e maior Monarquia existente no Novo Mundo.

Informações sobre o “Brazil Império” contidas no Guia Internacional da Europa

GUIA INTERNACIONAL
da Europa
no Brazil e ao Rio da Prata
contendo utilíssimas informações para os viajantes,
muitíssimas vistas, mappas e planos.
(GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 205)

O “Guia Internacional da Europa no Brazil” contém itens gerais de informações presentes como em qualquer outro guia de orientação turística direcionado ao visitante, porém o interessante é observar o discurso imperial utilizado para apresentar o Brasil ao mundo. Por isso, trabalharemos alguns itens, contextualizando a informação expressa no guia e procurando entender o significado do discurso daquele período histórico.

1 - Posição: situa o território brasileiro em seu eixo de latitude e longitude, fazendo a seguinte observação:

O Imperio (sic) do Brazil, a única monarchia do Novo Mundo, está situado na parte oriental da America do Sul: se estende de 5° 10' latitude Norte ao 33°46' 10'' latitude Sul e de 8°21' 24'' longitude Este ao 32° longitude Oeste do meridiano do Rio de Janeiro (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 207).

Um império europeu cravado no Novo Mundo, certa feita meramente uma utopia imaginada, por algum como refúgio para os conflitos e intrigas da Corte europeia do século XVI: “Ressurgia sempre que a independência do país [Portugal] estava ameaçada pelos vizinhos e tinha uma forte razão geopolítica (GOMES, 2007, p. 45). Isso se torna real no ano de 1808, com a vinda da Família Real de Portugal ao Brasil, quando não somente promovia o princípio do comércio oceânico abrindo os portos às nações amigas, como também colocava o Brasil como a única monarquia do Novo Mundo, com certo poder econômico e político. Segundo o economista Carlos Lessa:

O Rio foi o umbral aberto ao exterior. Como capital, foi o espaço mais cosmopolita do país: pelo Rio o Brasil articulou-se com as demais sociedades. Foi a cidade preferida pelo estrangeiro para fixar-se e tendeu a ser a porta de recepção e incorporação dos visitantes. Posteriormente foi ponto de atração dos migrantes internos. Lugar onde a nossa sociedade processou seu diálogo interno e sintetizou a polifonia nacional, o Rio assimilou idéias de fora e de dentro e sinalizou inovações comportamentais para todo o país (LESSA, 2001, p. 67).

Na verdade, num primeiro momento, o Brasil foi tratado pela metrópole como polo de extração de produtos naturais, com a comercialização de artigos da fauna e da

flora, como temos o pau-brasil, ouro, prata, diamante, tabaco e o próprio comércio de escravos. A produção de açúcar associa-se à intenção de iniciar o processo de colonização, implantando engenhos no litoral nordestino, com mercado garantido na Europa e produto super valorizado nas transações comerciais.

A partir de 1840, o café torna o porto do Rio de Janeiro detentor da hegemonia das exportações brasileiras, com um volume de mercadorias que demonstra uma evolução nas relações de produção e na força de trabalho com o ingresso de mão-de-obra emigrante e o seu convívio com a escravidão, como menciona a historiadora Emilia Viotti da Costa:

Um estudo da escravidão brasileira do século XVI até o século XIX tornará possível a análise, primeiro, de como funcionou o sistema numa tradicional sociedade “aristocrática” e mais tarde num moderno mundo “burguês”; segundo, de como tal sistema foi justificado num mundo religioso governado pela Providência e mais tarde num secular governado pelos homens; terceiro, de como a escravidão se tornou uma parte vital do sistema colonial num mundo mercantil, pré-capitalista, pré-tecnológico, e como ela foi destruída num mundo em que o capitalismo industrial e a revolução tecnológica gradualmente solaparam as relações tradicionais. Em suma, um estudo da escravidão do período colonial até o período moderno permitir-nos-á perceber as conexões essenciais entre capitalismo e escravidão. (COSTA, 1977, p. 216)

Esse processo de convivência com dois tipos de força de trabalho refletirá a contradição reacionária e inconclusa que o sistema econômico e político passava, de um lado, a escravidão, e de outro, a pressão do capitalismo e sua volúpia pela acumulação de capital. Sem se completar em sua autonomia econômica e política como colônia e também incapaz de ultrapassar o entrave nas relações de produção para assumir as relações capitalistas, faz uma conexão entre capitalismo e regime escravista. Ocorria assim, pressão da Inglaterra junto a Portugal para que o Brasil extinguisse o trabalho escravo, pois necessitava de novos mercados para vender seus produtos.

Na trilha desse processo o mundo conhece a sociedade brasileira. A respeito desse momento o historiador Amado Luiz Cervo relata:

Nas duas últimas décadas do Império, quando as relações internacionais se ampliavam sob efeito da expansão colonial européia e dos

primórdios do novo imperialismo, D. Pedro II investiu seu prestígio pessoal, muito elevado tanto na Europa quanto na América, com a finalidade de resguardar o interesse brasileiro no exterior. Usou, para tanto, de seus intensos e permanentes contatos com instituições científicas, cientistas e membros das famílias reais europeias (CERVO, 1992, p. 122).

O Brasil imperial tinha prestígio entre as monarquias em razão do papel desempenhado pela casa de Bragança no mundo das artes, das ciências e da política, como também pelo empenho pessoal de D. Pedro II, pois “[...] estabeleceu contatos de alto nível com governos e instituições dos Estados Unidos, de quase todos os países europeus, incluindo a Rússia dos Czares, o Império Otomano, a Grécia, a terra Santa e o Egito” (CERVO, 1992, p. 122).

Muito mais que uma potência que ainda fazia uso do braço escravo e de estimular uma emigração enganosa sobre as condições de trabalho aqui existentes, o Brasil Império era conhecido pelo contato com a intelectualidade da época e pelo prestígio que o mesmo possuía entre os monarcas.

2 – Superfície: dimensiona o tamanho do território nacional perante o mundo:

A superfície do Brasil que corresponde a um decimo (sic) quinto da superfície terrestre, a um quinto da do Novo Mundo e a mais dos três septimos da America Meridional, é considerada como tendo 8.337.218 kilometros quadrados (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 207).

A criação de uma monarquia no Novo Mundo foi uma decisão política e econômica, com objetivo de salvaguardar os interesses do Estado português, mesmo que decorrente de um processo de fuga da Coroa portuguesa das garras de Napoleão III. Tal fato consagra indiretamente o trabalho genocida de escravidão indígena, bem como a busca de ouro e de pedras preciosas e a conquista e a expansão do território brasileiro realizada pelos Bandeirantes no século XVII.

Desde a colonização, o processo de desbravar o território e a necessidade de mão-de-obra escrava era a tônica das políticas da Coroa portuguesa, pois a disputa com a Espanha por fronteiras exigia acordos políticos que chegaram a dividir o Brasil pelo tratado de Tordesilhas. Tratado que, na verdade, reflete o interesse imperialista de duas

grandes nações, por isso o Brasil surge para o Velho Mundo como a grande potência econômica e política, cobiçada por suas riquezas minerais e naturais.

A lógica de comparar o Brasil por meio de números qualifica-o pela dimensão continental que a Coroa portuguesa desejava mostrar ao mundo, categorizando-o como uma potência de forma ufanista. Encontramos expresso no livro publicado pelo historiador, jornalista, bacharel em Direito e Ministro da Fazenda e professor Afonso Celso* que:

O Brasil é um dos mais vastos países do globo, o mais vasto da raça latina, o mais vasto do Novo Mundo, à exceção dos Estados Unidos.

É pouco menor que toda a Europa.

Rivaliza em tamanho com o conjunto dos outros países da América Meridional. Representa uma décima quinta parte do orbe terráqueo. Só a Rússia, a China e os Estados Unidos o excedem em extensão. É quatorze vezes maior do que a França, cerca de trezentas vezes maior do que a Bélgica.

A sua circunscrição territorial menos dilatada, Sergipe, sobreleva a Holanda, a Dinamarca, a Suíça, o Haiti e Salvador. Cada um dos municípios em que se subdivide a mais ampla, Amazonas, equivale a Estados, como Portugal, Bulgária e Grécia.

Pará, Goiás, Mato Grosso ultrapassam qualquer nação européia, salvante a Rússia.

O Brasil é um mundo (CELSO, 2002, p. 5).

É possível entender o Brasil como potência em razão do domínio de Portugal que, na luta para se manter na liderança, aumenta seus domínios no mundo, e o Brasil surge como possível e única saída para que a Coroa portuguesa não perdesse sua autonomia política para as mãos de Napoleão III. O Brasil, continente e possuidor de riquezas minerais e naturais inesgotáveis, seria capaz de manter a grandeza do Estado português.

3 – Limites: as fronteiras determinam o limite geopolítico do Brasil:

O Brasil confina com todos os países da América Meridional, menos com o Chile. É limitado *ao Norte* pelas Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa e pelas Repúblicas de Venezuela e da Nova Grenada. *A Oeste*, pelo Peru, a Bolívia, o Paraguai e a Confederação Argentina, *Ao Sul*, pela República Oriental do Uruguai, e *a Leste* pelo Oceano Atlântico

* Político, jornalista, professor de Direito Civil e Comercial. Senador, Ministro da Fazenda, Deputado, Ministro da Marinha. Responsável pela verba destinada ao último baile fiscal, realizado pela Monarquia em homenagem ao comando do navio-escola chileno.

(GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 207).

4 – População: podemos perceber que o guia destaca um total de 13 milhões de habitantes enfatiza um milhão de indígenas como não-civilizados:

A população é de 13 milhões d'habitantes compreendendo (sic) um milhão de indígenas que habitam as florestas e que ainda não estão civilizados; encontram-se principalmente nas altas regiões de Amazonas e de seus afluentes (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 207).

5 – Divisões das províncias: número de Estados e população étnica:

O império do Brazil divide-se em 20 provincias e um Município ou Municipalidade (Município neutro ou Município da Corte) immediatamente subordinado ao Poder legislativo e ao Governo.

[...]

Quanto à nacionalidade, a população estrangeira compõe-se de 400.000 habitantes: 140.000 Portuguezes, 56.000 Allemães, 45.000 Italianos; 45.000 Africanos, 4.000 Franceses (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 207)

6 – Histórico:

Quando os Francezes invadiram Portugal, em 1808, a família real refugiou-se no Brazil e esse acontecimento muito modificou a administração desse paiz.

Aboliram-se as restricções commerciaes; abriram-se os portos aos navios de todas as nações amigas (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 213).

7 – Governo:

O Império do Brazil é governado por uma monarchia constituicional e hereditaria (sic); a lei Sálica: não existe ali, e as mulheres também podem reinar.

A lei fundamental de 25 de março de 1824 modificada pelos actos addicionaes de 12 de Agosto de 1834 e de 12 de Maio de 1840 estabelece quatro poderes: Legislativo, Executivo, Judiciário e Moderador (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 215).

8 – Poder moderador:

O poder moderador que consiste principalmente em dissolver a Camara e a rejeitar certas medidas legislativas pertence ao Soberano.

A testa de cada província está um Presidente nomeado pelo Poder Executivo.

É eleitor todo cidadão brasileiro que possa provar que tem um rendimento ou emolumentos superiores a 250.000 reis por anno (625 fr.) e que tem habitado a localidade pelo menos dous annos (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 217).

9 – Família Imperial:

A família imperial do Brazil é notável pela simplicidade dos costumes, a facilidade de seu acesso e suas virtudes particulares (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 219).

10 – Escravidão:

Até o anno de 1888, era o Brazil o único paiz do continente americano em que a escravatura, esse legado funesto deixado pelo regime colonial, existia legalmente.

Entretanto a 28 setembro de 1871 foi promulgada uma lei em favor da emancipação gradual dos escravos; essa lei dizia que desde então os filhos de mulher escrava seriam considerados livres, se bem que obrigados a servir os senhores das mais até á idade de 21 annos, debaixo de nome de *apprentizes*, A mesma lei emancipou 1600 escravos pertencentes ao governo.

Em 1886, as Camaras votaram a libertação dos escravos maiores de 60 annos (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 219).

11 – Imigração:

A abolição da escravidão veiu pôr na ordem do dia a questão da imigração. Na verdade, a súbita transição d'este estado de servidão para o de liberdade que os *pretos* nunca tinham gozado, vai com certeza perturbar o paiz até um certo ponto. Esses seres a pela maior parte, estavam empregados nos trabalhos agrícolas e estando agora livres, os antigos senhores não poderão mais contar com seus serviços senão eventualmente; do que resultará que os proprietários serão obrigados a recorrer aos braços estrangeiros (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 221).

12 – Clima:

Existem no Brasil dous climas bem distinctos: A zona intertropical é quente e humida no tempo das chuvas, temperada e secca fóra d'essa estação.

A temperatura media é de 26° centigrados do Rio de Janeiro ao Amazonas. Da capital do Império até a extremidade meridional o calor diminue muito e o clima torna-se agradável e fresco, principalmente nas montanhas; por toda a parte é elle muito saudável, ainda que humido (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 223).

13 – Lavoura:

As costas compreendidas entre a Bahia e Santa-Catharina, exceptuando a província do Espírito-Santo, são consagradas à cultura do café, e encontram-se nas províncias limitrophes do Rio de Janeiro importantes plantações de arroz; em todas essas províncias notam-se grandes *Fazendas* cobertas de cannaviaes. As regiões onde a lavoura está menos desenvolvida produzem muito gado que se criam por tropas. A região composta das grandes províncias de Rio Grande do Sul, Paraná e Santa-Caharina é muito fértil em cereaes.

Os districtos mais próximos do Equador sobresaem pelas produções espontâneas das florestas: cortiça, gommas, resinas, substancias textis, etc. Em quase toda parte se cultivam algodão e o fumo. Existem ao norte do Rio de Janeiro immensas plantações de cação e mandioca.

A metade do café que se consome no mundo provem do Brazil (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 223 e 225).

14 – Indústria:

A industria consiste em refinar assucar, principalmente nas províncias da Bahia e Pernambuco; em confeccionar tecidos de algodão, em serraria de madeira em distillar rhum e uma espécie de aguardente que chamam Cachaça, a fabricar cerveja; e preparar fumo e fabricar charutos a tecer alguns estofos de seda; em fabricar chapéos, calçados, trastes de madeira do paiz; papel ordinario; a fundir ferro e a fabricar alguns instrumentos aratorios (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 225).

15 – Exportação e importação:

A exportação se eleva a 500 milhões de francos por anno e a importação em 400 milhões.

Os principais artigos que o Brazil exporta são: Café (300 milhões de francos), algodão (50 milhões); assucar (40); pelles (35); gomma (30), fumo (12); diamantes (13); cacao (1).

A importação consiste em objetos manufacturados, vinhos, farinha de trigo, carvão, roupas, petróleo, ferro, etc. (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 225).

16 – Religião:

A religião do estado é a catholica, apostólica romana (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 225)

17 – Instrução:

A instrucção vai se espalhando cada vez mais. Alem de muitos estabelecimentos gratuitos devemos citar: o collegio Imperial, a escola polytechnica, o Instituto commercial, a Academia Imperial das Bellas-Artes, a Academia Imperial de medicina, o conservatório de musica, a

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

escola de minas, a instituição dos cegos e dos surdos-mudos e só no Rio de Janeiro mais de cem sociedades sabias. Existem no Brazil duas faculdades de direito, uma em S. Paulo e outra em Pernambuco (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 225).

18 – Moeda:

Conta-se por Reis e o cambio sobre a Europa que varia todos os dias segundo fluctuações commerciaes ou políticas estabelece por consequencia de dia em dia, a real traducção de reis em francos ou em schellings. Todavia pode-se tomar por base mais ou menos certa que 1.000 reis equivalem a 2fr. 50, por consequente: moeda de 20 francos, 8.000 reis, libra esterlina 10.000 reis. As moedas do Brazil são de cobre, nickel, prata e ouro. As de cobre são: moeda de 20 reis ou *viném*, moeda de 40 reis (em francos, 0.05 e 0.10 centimos).

As moedas de nickel são: de 50 reis, 100 reis ou tostão e 200 reis (0.20, 0.25, 0.50 centimos). As moedas de prata são de: 200 reis, 500 reis, 1.000 reis e 2.000 reis (0.050, 1.25, 2.50 e 5 francos). As moedas de ouro são de: 5.000 reis, 10.000 reis e 20.000 reis (12.50, 25 et 50 fr).

A circulação, porem, do ouro e da prata não existe no Brasil está substituída pelo papel moeda do Thezouro e do Banco do Brazil (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 227).

19 – Pesos e medidas:

O sistema métrico, obrigatorio em virtude da lei de 26 de junho de 1862, está em vigor real desde 1 de Janeiro de 1874 (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 227).

20 – Serviço militar:

Serviço militar. Se bem que votada a 27 de fevereiro de 1875, a lei estabelecendo a obrigação do serviço militar nunca foi executada. Recrutam-se os soldados por assentamento de praça e a maior parte do exercito é composto de naturaes do paiz (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 227).

21 – Marinha:

Existem no Brazil 5 arsenais de guerra, nas províncias de Pernambuco, Pará, Rio grande do Sul, Matto Grosso e Rio de Janeiro.

Quanto á esquadra compõe-se ella de 49 vasos de guerra, a vapor: Coiraçados, canhoneiras, torpilheiras. O effectivo da marinhagem é de 3780 homens. (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 229).

22 – Comunicações:

Estão actualmente em exploração 52 linhas de estradas de ferro que percorrem 8.300 kilometros. De mais acham-se em estudo ou em construcção mais 1.670 Kilometros.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

A estrada de ferro de Leopoldina que corre na província de Minas Geraes é a mais comprida: 800 kilometros de via férrea estão em serviço e em estudo 245 kilometros.

Depois d'esta estrada, a mais importante é a de D. Pedro II que pertence ao Estado e que serve as províncias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes; o seu cumprimento é de 682 kilometros, e mais 103 kilom. em construção.

A primeira via férrea que se construiu no Brazil foi a de Mauá, na raiz da Serra dos Órgãos, na estrada que vai a Petrópolis, a 20 Kilometros do Rio de Janeiro. Foi aberta à circulação a 30 de abril de 1854 (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 229).

23 – Riquezas Minerais:

O Brazil possui immensas riquezas mineraes: diamantes, saphiras, esmeraldas, rubins, topázios, verdamares, ouro, patra, cobre, estanho, chumbo, ferro e muitos outros metaes. O diamante se encontra em quase todas as provincias do Império, mas o principal lugar onde se explora é na província de Minas Geraes entre 17° e 9° latitude Sul. As mais celebres minas de diamante são as da Serra do Frio.

As outras pedras preciosas encontram-se também n'esta província, como também as mais ricas minas de ouro perto de Ouro Preto.

O nitro, o alumen, o sulfato de magnésia o sulfato de soda se acham em abundancia em quase todas as provincias (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 233).

24 – Riquezas vegetais:

O immenso território do interior é quase todo coberto de mattas virgens que encerram quantidades inesgotaveis de madeira excellentes para carpintaria, marcenaria e trabalhos de arte.

Apenas mencionaremos das inúmeras arvorea que habitam o Brasil: o Jacarandá, o Pao Brasil, o Pao d'Arco, o Pao Ferro e muitas outras de grande valor tanto pela madeira que fornecem, como também por seus fructos, óleos e resinas... Por toda parte abundam as fructas tropicaes cuja nomenclatura seria longa (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 233).

25 – Animais domésticos e indígenas:

Os animaes domésticos da Europa estão há já muito tempo domesticados no Brazil onde se criam sem difficuldades o cavallo, o burro, principalmente a besta, o carneiro, o porco e o cão.

Os animaes corniferos pastam em grandes tropas em estado selvagem nas grandes planícies do interior.

Os principaes animaes indígenas são:

A onça, o jaguar, o gato, o tigre, a preguiça, a cotia, o formigueiro; cerca de 60 especies de macacos; 30 especies distinctas de papagaios, perto de 20 variedades de beija-flores. Entre os repteis citaremos; a

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

giboia o sucurajú e grande quantidades de cobras venenosas como sejam a terrível jararaca, a cobra coral e a cobra cascavel.

Tres ou quatro espécies de crocodilos tornam perigosas as margens do Amazonas.

As tartarugas são muito apreciadas e são servidas nas melhores mezas. Encontra-se peixe com muita abundancia nos lagos e rios (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 233 e 235).

Considerações preliminares

Os vinte e cinco itens apresentados nesse Guia internacional de promoção e divulgação turística do Brasil para a Europa, publicado em Janeiro de 1889, demonstram que o fenômeno do turismo é uma atividade que já despertava interesse por parte do Estado imperial português. Começou a se desenvolver a partir da vinda da Família Real em 1808, que transferiu a Corte portuguesa para a América, criando um fluxo de pessoas que compunha o aparato administrativo e tornando o Brasil um polo de atração seguro para as monarquias e aristocratas que vinham sofrendo processos revolucionários em favor da República.

A mudança da corte portuguesa para o Brasil trouxe consigo também:

[...] administradores e colonos de outras partes do Império português, notadamente Angola e Moçambique, [...]. De seu lado, setores mais comprometidos da monarquia espanhola saem dos países sul-americanos tomados por revoluções republicanas e mudam-se para o Rio de Janeiro, único refúgio da legalidade monárquica no Novo Mundo (ALENCASTRO, 1997: 13).

Esse processo acelerou um movimento constante e considerável de indivíduos ao Brasil que necessitavam de hospedagem, alimentação, transporte e uma gama de serviços diretamente vinculados ao visitante que ficavam encantados com a beleza da natureza que circundava o Rio de Janeiro. Por isso, surge toda uma infraestrutura turística à disposição do visitante como o Antigo Hotel Jourdain, localizado na Tijuca, de propriedade do francês A. Bocage, fundado em 1828 e que oferecia excursões para:

Bains de natatin et de cascade. CHEVAUX à toute heure pour excursions. Service Spécial pour l'hôtel tous les jours 5 heures du matin du Largo de S. Francisco de Paula (station des tramways jusqu'à la porte de l'hôtel. Table d'hôte: déjeuner de 9 heures à 10; diner de 5 heures á 6.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

EXCURSIONS A FAIRE AUX ENVIRONS DE L'HOTEL

Boa-Vista Chinesa, Vista dos Reis, Excelsior, Floresta Imperial, Pic-de-la-Tijuca, Pic du Papagaio, Petite et Grande Cascade, Pedra Bonita, Barre de la Tijuca, les Grottes, etc.

(GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 311).

Na verdade, o hotel Bocage (antigo Jourdain), com refinada decoração francesa e excelente quartos, estava localizado no fundo de um vale, na Tijuca, local agradável para piqueniques, apoiada por uma infraestrutura de serviços oferecida pelo hotel, como confirma o Guia:

Do hotel Bocage, ponto central de todas as excursões que se tenha a fazer na Tijuca, pode-se, em poucas horas, visitar a *Floresta Imperial* ou o ponto de vista *Excelsior* ou a grande e a *pequena cascata* ou então a *Vista Chinesa* tres pontos de onde se tem uma admirável vista e que não devem passar desapercibidos (sic) aos viajantes que passam pelo Rio de Janeiro (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 312).

Como promoção turística, o Guia caracterizava-se como uma atividade diretamente atrelada à promoção e à divulgação do Estado Imperial por meio do Rio de Janeiro, destacando o Brasil como a única monarquia existente no Novo Mundo, bem como seu imenso território continental, que compõe fronteira com toda a América Latina menos com o Chile, com uma população de 13 milhões de habitantes, cujo destaque era população indígena como não-civilizada, pois o exótico e as lendas tomavam conta da leitura eurocentrista feita pelos estrangeiros que descreviam o Brasil.

Em conformidade com o Guia o Brasil dividia-se em 20 províncias registrando que além dos brasileiros e escravos, possuía uma população de estrangeiros de 400.000 pessoas, sendo 140.000 portugueses, 56.000 alemães, 45.000 italianos, 45.000 africanos* e 4.000 franceses.

Novamente o exótico e o lendário compõem um pouco da história brasileira que alimenta o imaginário do estrangeiro que passa a idéia de que o descobrimento do Brasil se deve às correntezas, como se não houvesse nenhum interesse geopolítico por parte do Estado português. O interesse comercial era por grandes carregamentos de pau-brasil, madeira de tintura que deu nome ao Brasil, aliado aos indígenas selvagens, os Tupis e Guaranis que viviam em guerra constante, praticantes da antropofagia.

* Com referência aos africanos, esses devem ser uma media anual de africanos livres.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Com referência às lembranças que podiam ser compradas no comércio pelos visitantes como artesanato, produtos alimentícios entre frutas e animais selvagens, uma diversidade grande de ervas medicinal e para tempero, o Guia confirma:

Os amadores de fructas e de animaes exóticos encontram no mercado da Bahia um sortimento completo de perequitos, papagaios de côres vivas e macacos de toda sorte. Acham-se em quantidades, laranjas, ananazes, bananas e mangas. Na Bahia fabricam-se charutos de grande nomeada. Também se encontram ali leques e flores de pennas, pelles de cobras e muitas outras curiosidades do Brazil (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p. 265 e 267).

O Guia menciona o fotógrafo carioca Marc Ferrez que abriu seu próprio estabelecimento fotográfico, *Casa Marc Ferrez & Cia*, situada à Rua São José, 88, Rio de Janeiro, em 1864. Quando se refere a lembranças encontradas para vender ao turista, são indicadas suas fotos:

Como lembrança do Rio de janeiro, encontram-se em casa de Sñr Marc Ferres (sic), á rua de S. José, n. 88 perto do largo da Carioca, uma bonita e variada collecção de vistas photographicas da cidade, da bahia e dos arrabaldes.

Em muitas lojas da rua do Ouvidor encontram-se bonitas flores de pennas, escaravelhos e borboletas mui curiosas (GUIA INTERNACIONAL, 1889, p.309).

Encontro de uma historiografia nacional

Para entendermos o processo histórico do qual fomos constituídos em seres que dialeticamente explicitam formas moventes e movidos em seu processo ontológico, necessitamos conhecer o passado ou a contemporaneidade de “homens históricos reais”. Com isso, queremos reafirmar que a história só é verdadeira quando se revela como produto da luta de classes, portanto qualquer existência humana possui história. Entretanto, pode ocorrer que essa história esteja encoberta por uma história alienígena.

Como ocorreu com a história do turismo brasileiro, reforçando ainda mais a natureza elitista dessa prática que despreza o autóctone em decorrência de o eurocentrismo dominar os pensamentos da elite, que só se sente elite a partir do momento em que incorpora os valores europeus para explicar a realidade nacional. Em conformidade com essas idéias, afirma a historiadora Dea Ribeiro Fenelon:

O caráter oficial dos fatos, (nos livros didáticos) o sentido elitista do processo histórico, com o acento sobre a importância da liderança e a insignificância do povo, a total ausência do espírito crítico, a conformação incontestável ao processo histórico dos vencedores, ensina uma história conformista, compromissória, privilegiada, anti-reformista, e conservadora (FENELON, 1974: 5).

É nesse contexto que grande parte do estudo acadêmico referente ao turismo se apresenta no Brasil; com pressupostos, e até axiomas duvidosos injetados para interpretar e construir uma historiografia do turismo. Obviamente destacamos aqui as pesquisas resultantes de um levantamento de coleta de dados que passam por uma interpretação científica muito comum em nossa área e realizados com muita seriedade acadêmica.

Nossa intenção é alertar que a história do turismo nacional acaba sendo difícil de ser pesquisada, que está encoberta por falsas interpretações, seguindo uma historiografia eurocentrista que dá o tom para as finalizações históricas nacionais, ocasionando consequências ao campo da memória histórica e a perda da identidade de uma sociedade. Por isso, entendemos que o incentivo a pesquisas no campo das Ciências Sociais deve ser a preocupação de todo curso de turismo e centro de pesquisa, independente da ênfase do curso.

As pesquisas demonstram que a o Brasil tem uma história turística que necessita ser recuperada, como podemos perceber por esse estudo que realizamos sobre o “Guia Internacional da Europa ao Brazil”. Alguns dados aparecem como resultado da pesquisa, revelando uma inesgotabilidade de fatos que deverão nortear novas investigações teóricas, tais como:

1. O Brasil possui uma história produzida por visitantes estrangeiros que viveram no território nacional entre o século XVI ao XIX, que sinalizam aspectos voltados à hospitalidade;
2. Anterior à vinda da Família Real ao Brasil, existe uma infraestrutura voltada à hospitalidade e ao turismo;
3. O Estado Imperial estimulou a criação de pontos turísticos no Rio de Janeiro;
4. As casas de pasto, as estalagem, as casas vagas são formas de hospedagem que se constituíram no Brasil desde o século XVI. É interessante destacar a

existência das “casas vagas” nos povoados para atender aos viajantes. Na verdade, poderíamos afirmar que havia uma rede de casas vazias, sem qualquer serviço à disposição do visitante, lembrando um rancho coberto.

Esses são alguns dos assuntos que podem ajudar a reconstituir a historiografia sobre a hospitalidade e sobre o turismo brasileiro, acabando com o mito de que a história nacional é pobre nesse campo, sendo necessário, portanto aos parâmetros de nossa história, adotar os referenciais estrangeiros. Na verdade, há uma adoção dos parâmetros teóricos impostos por uma historiografia européia que tende a ser niveladora e globalizante na explicação do desenvolvimento da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz Felipe de Alencastro. Vida privada e ordem privada no Império. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IANNI, Octavio. **Sociologia da Sociologia Latino-Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Edições em pdf e eBooksBrasil.org. 2002. WWW.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html

CERVO, Amado Luiz. A conquista e o exercício da soberania (1822-1889). In: **História da política exterior do Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República momentos decisivos**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque: 1808-1964: A História contada por jornais e jornalistas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

Guide International D'Europe au Brésil & a La Plata contenant les Renseignements les plus utiles pour les voyageurs orne de vues, cartes et plans. Publié par A. Loiseau-Bourcier – Paris, rue de Lancry, 47 - Janvier 1889.

FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1974.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

JORGE PIRES, Mário. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Editora Manole, 2001.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.